**29º Porto Alegre em Cena**

**PROGRAMAÇÃO**

Dia 1º de dezembro

19h – Palácio do fim - Sala Álvaro Moreyra

21h – Sambaracotu - Teatro Renascença

Dia 2 de dezembro

18h – Maria, seus filhos, suas filhas - Espetáculo de Rua - Esquina Democrática

19h – Terra Adorada - Sala Álvaro Moreyra

21h – Sísifo - Salão de Atos da PUCRS

Dia 3 de dezembro

18h30 – Ilha – Parque Alim Pedro - IAPI

19h – Sobrevivo - Sala Álvaro Moreyra

21h – Atravessamentos - Teatro Renascença

Dia 4 de dezembro

19h – Restinga Crew - Apresentação de dança – Orla do Guaíba, na pista de skate

19h – Novos velhos corpos - Sala Álvaro Moreyra

19h – Embarque imediato - Salão de Atos da PUCRS

Dia 5 de dezembro

20h – Medeia / solo de Tânia Farias - Terreira da Tribo

Dia 7 de dezembro

16h e 20h - Ítaca – Nossa Odisseia I - Cinemateca Capitólio

20h – Cia Municipal de Dança – Teatro Renascença

20h - Recital de violoncelo e piano com Romain Garioud e Liliana Michelsen - Igreja Universitária Cristo Mestre – Campus PUCRS

**SINOPSES:**

**Palácio do fim (RS/BR)**

Histórias de pessoas reais em uma reflexão humanista sobre as tênues fronteiras éticas, morais e políticas que uma guerra envolve, o texto foi escrito pela premiada dramaturga canadense Judith Thompson, reconhecida internacionalmente pela humanidade de sua obra. O espetáculo da Cia. Incomode-te faz uma reflexão sobre os limites éticos e morais em uma situação extrema da vida como uma guerra. A montagem traz três cenas: o monólogo 'Minhas Pirâmides', em que as atrizes Fabiane Severo e Sandra Possani interpretam Lynndie England, intercalando cenas jornalísticas públicas da guerra no Iraque, em uma refinada montagem de imagens concebida pelo cineasta Guilherme Carravetta de Carli; ‘Colinas de Horrordown’, com Nelson Diniz interpretando David Kelly, o inspetor de armas britânico que tornou público, em entrevista à rede BBC, o fato constrangedor de que as armas de destruição de massas procuradas por George Bush e Tony Blair no Iraque não existiam; e, por fim, ‘Instrumentos de Angústia’, um monólogo intenso de Liane Venturella, onde ela vive Nehrjas Al Saffarh, esposa de um militante político contrário ao governo, durante a Guerra do Golfo (1990-1991).

Texto: Judith Thompson / Tradução: Liane Venturella e Carlos Ramiro Fensterseifer / Direção: Carlos Ramiro Fensterseifer / Elenco: Liane Venturella e Nelson Diniz / Participação especial: Fabiane Severo e Sandra Possani / Trilha sonora: Angelo Primon / Iluminação: Nara Maia / Cenário: Alexandre Navarro Moreira /Figurinos: Liane Venturella e Carlos Ramiro Fensterseifer / Adereços: Valéria Verba /Direção dos vídeos: Guilherme Carravetta de Carli /Pesquisa dos vídeos: Martina Pilau / Operação de som: Eduarda Rhoden / Técnico de vídeo: Nelson Azevedo / Arte gráfica: Jessica Barbosa / Foto: Regina Peduzzi Protskof / Produção artística: Letícia Vieira / Produção: Cia Incomode-Te e Primeira Fila Produções / Realização: Cia Incomode-Te/ Duração: 90min / Classificação: 14 anos / Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=IcLnP4VcerM>

**Sambaracotu (RS/BR)**

De um composto de dança, teatro e performance eclodem corpos inflamados pelo desejo de expressar, e se vão abrindo clareiras por todos os espaços possíveis: palco, plateia, paredes, teto. Sambaracotu, do Canoas Coletivo de Dança, é um espetáculo de dança urbana contaminado por sonoridades brasileiras. Funciona como um manifesto, produzido desde a dimensão ética, estética e poética através de uma recomposição de movimentos da cultura de domínio popular e da pesquisa de estruturas coreográficas múltiplas. Celebra o movimento e produz um corpo-voz não apenas por sua poética coreográfica, mas a partir de provocações sonoras inspiradas na cultura oral brasileira de domínio público. Formado por bailarinos vindos das mais diversas linguagens, o grupo trabalha, desde 2015, com um perfil aberto, inserido na urbanidade e contemporaneidade, com ênfase no processo coletivo de investigação e experimentação.

Direção: Carlota Albuquerque, Álvaro RosaCosta e Simone Rasslan / Provocações sonoras, pesquisa e composição musical: Álvaro RosaCosta / Intérpretes criadores: Carini Pereira, Carol Fossá, Danielle Costa, Leslie Taube, Roberto Mendes, Tiago Ruffoni, Tom Peres e artista convidado / Consultoria e curadoria de linguagem: Eliane Marques / Iluminação e videografia: Ricardo Vivian / Figurinos: Gustavo Dienstmann / Cenário: Gustavo Dienstmann, Rodrigo Shalako (instrumentos) e Paulo Pereira / Cenotécnico: Paulo Pereira / Produção: Canoas Coletivo de Dança / Ensaiadora e artista colaboradora: Joana Willadino / Intercâmbio artístico: Renann Fontoura e Leo Patro / Letristas: Ronald Augusto, Danielle Costa, Leandro Maia / Músicos convidados: Daniela Luz, Beto Chedid e Yago Lima /Apoio: Colégio Rondon, Studio Spasso, Sala Terpsí / Duração: 60 min / Classificação indicada: a partir de 10 anos

**Maria, seus filhos e suas filhas (RS/BR)**

O texto de João Siqueira com direção coletiva de A Cambada de Teatro em Ação Direta Levanta Favela é uma fábula brasileira moderna sobre a pobreza no Brasil. Maria foge do campo com suas filhas e seus filhos por não conseguir pagar o armazém e acaba trabalhando como lavadeira para sustentar a família, começando uma divertida história de sobrevivência no proletariado de Porto Alegre, o que termina por transcender as personagens à medida que elas passam a apresentar-se como atrizes e atores.

Direção coletiva / Elenco: Pâmela Bratz, Sandro Marques, Danielle Rosa, Ricardo Padilha, Merlin Morlos, Thomaz Rosa e Andrea Sparremberger / Duração: 70 min / Classificação: livre / Vídeo: <https://youtu.be/haweAy_eBXM>

**Terra adorada (RS/BR)**

Terra Adorada é resultado de dois anos de pesquisa da atriz Ana Luiza da Silva. Depois de vivenciar o cotidiano em terras indígenas Kaingang e Guarani no RS, acompanhar mobilizações, se aproximar da luta dos povos indígenas pela preservação de seus direitos, buscar referências sobre sua bisavó indígena, descobrir sua origem Kaingang, Ana mergulhou na criação deste manifesto que faz uma crítica à sociedade não indígena. A atriz, em performance, revisita memórias da infância no interior do RS, traz à cena informações documentais, relatos sobre suas vivências nas terras indígenas. O espetáculo propõe um olhar crítico sobre as relações, ainda colonialistas. Uma denúncia sobre a situação dos povos indígenas no Brasil. Além da apresentação de Terra Adorada, estarão presentes algumas artesãs Mbyá-Guarani expondo e comercializando sua arte e, ao final do espetáculo, haverá uma roda de conversa com Iracema Gah Té, kujà Kaingang e Rejane Paféj Kanhgág, psicóloga.

Idealização, pesquisa, atuação: Ana Luiza da Silva / Direção: Jezebel De Carli e Ana Luiza da Silva / Dramaturgia: Ana Luiza da Silva e Jezebel De Carli / Colaboração dramatúrgica: Vika Schabbach / Cenografia: Ana Luiza da Silva e Jezebel De Carli / Iluminação: Carol Zimmer / Figurino: Ana Luiza da Silva e Iara Sander / Trilha sonora pesquisada: Ana Luiza da Silva / Edição de vídeos: Carina Macedo / Produção: Complô Cunhã / Duração: 60min / Classificação: 14 anos

**Sísifo (RJ/BR)**

A travessia talvez seja a grande protagonista de Sísifo. Inspirado no mito grego do homem que carrega diariamente sua pedra morro acima para vê-la rolar ladeira abaixo e começar tudo de novo, o monólogo conecta a mitologia ao caótico mundo hiperconectado e ao Brasil dos memes. Primeira colaboração teatral entre Gregório Duvivier e Vinícius Calderoni, dois artistas que estão entre os expoentes de sua geração compartilhada, o texto é assinado em colaboração por Gregório e Vinícius, que dirige a obra. Para Calderoni, Sísifo é o gif fundador da mitologia histórica, com a ideia de eterno retorno. Para Gregório, a peça recorre à mitologia grega para falar, sobretudo, da condição humana. São 60 histórias curtas, num solo que passa por diversos gêneros, da comédia ao drama.

Com Gregório Duvivier / Texto: Gregório Duvivier e Vinicius Calderoni / Direção: Vinicius Calderoni / Direção de produção: Andréa Alves / Cenografia: André Cortez / Iluminação: Wagner Antônio / Figurino: Fause Haten / Direção musical: Fabrício Licursi / Assistente de direção: Mayara Constantino

**Ilha (RS/BR)**

A performance a céu aberto surge após o longo período de isolamento social causado pela pandemia de Covid-19, e aflora da vontade de explorar novas possibilidades de encontros. Assim, o Coletivo Grupelho estabelece a dança como fio condutor de uma experiência cênica e convida ao movimento do corpo, traçando acordos silenciosos com o público na construção de uma experiência sensorial coletiva. As paisagens construídas em ILHA evocam a contemplação e o alumbramento através de dispositivos como texturas, deslocamentos, cores e a luminosidade natural. Por conta disso, a montagem é sempre apresentada no horário em que o sol se põe, e se vale da transição da luz do dia para propor uma atmosfera ora onírica, ora metafórica da contemporaneidade.

Elenco, direção e concepção: Bruna Chiesa, Bruno da Rosa Cunha, Débora Poitevin Cardoso, Janaína Ferrari e Roberta Fofonka / Trilha sonora: Música “Entidade Absoluta”, por Patrícia Nardelli e Wagner Menezes / Figurino: Graça Ferrari e Janaína Ferrari / Design de acessório: Vicky Fernandez /

Operação de drone: Yuri Boelter / Audiovisual: Daniel Cândido de Bem / Fotografia: Betina Lima / Produção executiva: Coletivo Grupelho / Duração: 60 minutos / Classificação: Livre

**Sobrevivo – antes que o baile acabe (RS/BR)**

A montagem nasce do encontro entre o projeto de estágio de graduação de Phillipe Coutinho no DAD/UFRGS, a pesquisa de mestrado de Sandino Rafael no PPGAC/UFRGS e as vidas de mais cinco jovens pretos que decidiram continuar em movimento, juntos. Esse movimento gesta a rede Espiralar Encruza. A dramaturgia, construída em sala de ensaio, é composta por histórias, desejos e reflexões das performers e se propõe a discutir algumas das questões subjetivas e estruturais causadas pelas desigualdades étnico-raciais presentes na sociedade brasileira. Nas referências que guiam o espetáculo estão as manifestações culturais negras contemporâneas que vão desde o samba, o funk e as religiões de matriz africana ao vogue e slam, que fazem parte das vidas das performers. Num misto de celebração de sua existência e críticas às estruturas que o cerca, o grupo se apropria do espaço do teatro para concretizar uma prática antirracista na sociedade a partir de percepções subjetivas. Na fricção entre ficção e realidade, público e performer e presente e futuro, o coletivo enseja dançar sob as certezas que são direcionadas aos corpos pretos e, num gesto poético e político, desmontá-las.

Performers: Cira Dias, Eslly Ramão, Gabi Faryas, Letícia Guimarães, Maya Marqz e Phill / Direção: Espiralar Encruza / Criação e operação de luz: Thaís Andrade / Cenário, figurino e produção: Espiralar Encruza / Operação de Som: Sandino Rafael e Faylon Silva / Fotografia: Moisés Nobre / Duração: 60 minutos

**Atravessamentos (RS/BR)**

Concebido pelo Circo Híbrido, coletivo/espaço que reúne pessoas com diferentes trajetórias artísticas num processo coletivo de pesquisa e experimentação para criação de um espetáculo-performance. Em cena, histórias diversas se atravessam, trazendo à tona reflexões sobre o contexto histórico em que estamos inseridos, bem como os afetos latentes que movem cada um. Em sua 5ª edição, Atravessamentos traz ao público um espetáculo-performance que trata da criação no campo das artes circenses em tempos de pandemia e isolamento social, do papel desse fazer artístico nesses tempos sombrios, e como é retornar para a presença, em um teatro na presença do público espectador. O espetáculo que costura performances de malabarismo, acrobacias de solo e aéreas, dança, força capilar e monociclo, deixa transparecer vestígios dos diferentes processos de criação experimentados pelos artistas que se propuseram a (re) pensar a performance - dentro e fora de casa, e agora no palco.

Direção geral: Tainá Borges e Lara Rocho / Elenco: Tainá Borges, Luís Cocolichio, Lara Rocho, Maílson Fantinel, Agatha Andriola, Guilherme Capaverde e Gabriel Martins / Audiovisual: Sal Fotografia / Projeção: Vado Vergara e Jéssica Alvarenga / Trilha Sonora: Viridiana / Iluminação: Carol Zimmer / Cenografia, logística e técnica: Luís Cocolichio / Design, mídias sociais e assessoria de imprensa: Mônica Kern / Produção: Tainá Borges e Vado Vergara / Realização: Circo Híbrido / Duração 60 minutos / Classificação: Livre

**Restinga Crew (RS/BR)**

O espetáculo Restinga Crew 20 anos contará um pouco da trajetória do grupo por meio de algumas das principais coreografias criadas e apresentadas neste tempo. Restinga Crew é um grupo da periferia da cidade de Porto Alegre, mais precisamente do bairro Restinga. Em suas coreografias retratam um pouco da realidade que passam no dia a dia da comunidade, enfrentando a vulnerabilidade social, lotação nos ônibus, arte de rua, e acima de tudo a cultura hip hop e seus quatro elementos: breaking, graffiti, MC e o DJ. O Restinga Crew é o único grupo de breaking, que desde seu início, em 2002, nunca parou com suas atividades, encontros, treinos, apresentações e trabalho voluntário na comunidade da Restinga.

Direção: Julio Cesar O. de Oliveira / Coreógrafos: Julio Cesar O. de Oliveira, Lucas Name e Lucas Graminha / Figurinistas: Julio Cesar O. de Oliveira e Lucas Name / Elenco: Cesar Daniel Pereira de Oliveira (Bboy Cesza), Geovana Pereira de Oliveira, Julio Cesar Oliveira (Bboy Julinho), Lucas Graminha (Bboy New Cas), Lucas Name, Luiza Valêncio da Silva Silveira, Maurício Machado, Robinson Rodrigues Silveira (Binho Rodrigues), Rodrigo Dias (Banda Efeito Coringa - músico), Yanka Carvalho, Karolina da Silva Aristimunho, Sara Francielly Alves dos Santos / Fotos: Marcelo Lemes / Duração: 60 min / Classificação: livre

**Novos velhos corpos 50+ (RS/BR)**

Bailarinos e coreógrafos sobem ao palco para desmitificar a ideia de que a dança é apenas para jovens, Eva Schul (74), Lima Duarte (60), Eduardo Severino (59), Suzi Weber (57) e Mônica Dantas (54) apresentam o espetáculo Novos Velhos Corpos 50+ que, além da dança, tem trilha sonora ao vivo. No palco uma maca, que se transforma em cena juntamente com a composição coreográfica ancorada em dança contemporânea e improvisações estruturadas. O espetáculo oferece perspectivas poéticas de modo a friccionar rótulos geracionais através das coreografias. Ao mostrar a longevidade dos corpos em movimento, acredita-se que seja possível promover imagens de arte, de esperança e de resistência. Novos velhos corpos dançantes que buscam empatia no sentido de mover, respirar e celebrar a idade do corpo. Eva Schul, afastada dos palcos nas últimas décadas pelas demandas como coreógrafa e professora, volta à cena para celebrar a dança com parcerias de amizade e de criações. O espetáculo é um braço do projeto Novos Velhos Corpos 50+, coordenado por Suzi, bailarina, professora e pesquisadora no Departamento de Teatro e no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRGS.

Coordenação: Suzi Weber / Elenco: Eva Schul, Robson Lima Duarte, Eduardo Severino, Suzi Weber e Mônica Dantas / Músicos ao vivo: Dora Avila (percussão), Flavio Flu (baixo), Marcelo Fornazier (guitarra) e Vasco Piva (sax) / Projeções de videodanças: Alex Sernambi / Direção de cena: Lisandro Bellotto e Cláudia Sachs / Duração: 60 min / Classificação: livre

**Embarque imediato (RJ/BR)**

Com texto de Aldri Anunciação, direção de Márcio Meirelles e com Antônio Pitanga, Rocco Pitanga e Camila Pitanga no elenco, a obra, que celebra os 80 anos de Pitanga, promove o debate, seguindo a poética presente na escrita do autor. A cena é configurada de modo a apresentar diferentes pontos de vista e permitir que o espectador chegue às suas conclusões. “A peça debate assuntos que estão na ordem do dia, como origem, diáspora, consequências da história. É um texto maduro e toda a encenação é pensada para tornar mais evidente esta relação entre os dois personagens e como a política afeta suas experiências, suas histórias e identidades”, pontua o diretor. O espetáculo aborda o encontro entre um jovem doutorando negro brasileiro e um senhor africano, descendente dos Agudás (africanos escravizados no Brasil que retornaram ao país de origem após alforria quase sempre comprada), em um aeroporto internacional. No personagem do jovem afro-americano, a perspectiva ocidentalizada e a defesa de que houve aspectos positivos na diáspora forçada dos africanos, que aqui na América foram escravizados, entra em diálogo com o velho senhor descendente de Agudás, que questiona essas supostas vantagens. Ambos os personagens estão confinados numa sala, por terem perdido seus passaportes durante uma conexão de voo.

Texto: Aldri Anunciação / Encenação: Márcio Meirelles / Elenco: Antônio Pitanga, Rocco Pitanga e Camila Pitanga (em vídeo) / Produção: Fernanda Bezerra

**M.E.D.E.I.A – solo de Tânia Farias (RS/BR)**

Medeia, um solo da atriz Tânia Farias, parte da montagem Medeia Vozes, inspirada na obra homônima de Christa Wolf, que integra o repertório da Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz. No texto está a versão antiga e pouco conhecida do mito, trazendo uma mulher que não cometeu nenhum dos crimes de que é acusada na versão de Eurípedes. Por mais de dois mil anos, Medeia, uma das mais poderosas mulheres da mitologia grega, é acusada de várias atrocidades, tais como o fratricídio, o infanticídio e o envenenamento de Glauce, e é esta imagem que foi imposta à consciência ocidental que a Tribo vem negar nesse espetáculo solo de Tânia Farias. O mito é questionado e reelaborado de maneira original, para analisar o fundamento das ordens de poder e como estas se mantêm ou se destroem. Medeia é uma mulher que está na fronteira entre dois sistemas de valor, corporizados respectivamente pela sua terra natal, e pela terra para a qual foge. Ambas as sociedades, Corinto e Cólquida, apresentam na sua história um sacrifício humano fundamental, que serviu para a estabilização do poder patriarcal. Medeia é uma mulher que enxerga seu tempo e sua sociedade como são. As forças que estão no poder manifestam-se contra ela, chegando mesmo à perseguição e banimento, ela é um bode expiatório numa sociedade de vítimas.

Texto: Christa Wolf / Criação coletiva da Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz / Atriz em cena: Tânia Farias / Duração: 60 min/ Classificação: 16 anos

**Ítaca – Nossa Odisseia I**

Ítaca é um espetáculo audiovisual que integra o díptico Nossa Odisseia e dá continuidade à pesquisa de linguagem da diretora Christiane Jatahy entre o teatro e o cinema, entre o ficcional e o documental, entre o passado e presente. A partir da ficção histórica de Homero a montagem, apresentada em vídeo no Porto Alegre em Cena, traz uma lente de aumento sobre os dias de hoje, sobre as guerras, os movimentos de partida e de chegada, a tentativa de chegar em casa concreta e metaforicamente. Para a construção dramatúrgica foram realizadas entrevistas com refugiados, além de um período de trabalho com os atores a fim de gerar cenas por meio de improvisos. Em seguida, durante um mês, Christiane Jatahy escreveu a dramaturgia final do texto. Os atores representam múltiplas possibilidades de Penélope e de Ulisses. Do feminino e do masculino nessa adaptação da Odisseia de Homero. As atrizes Isabel Teixeira, Julia Bernat e Stella Rabello assumem o lugar da mulher que espera e que também age. A elas se juntam os atores Cédric Eeckout, Karim Bel Kacem, e Matthieu Sampeur. Será apresentado na Cinemateca Capitólio.

Ítaca, de Christiane Jatahy (a partir de Homero e de outras inspirações) / Elenco: Cédric Eeckout, Isabel Teixeira, Julia Bernat, Karim Bel Kacem, Matthieu Sampeur e Stella Rabello / Direção, dramaturgia e cenário: Christiane Jatahy / Colaborador artístico, luz e cenário: Thomas Walgrave / Colaboração no desenvolvimento da cenografia: Marcelo Lipiani / Designer de som: Alex Fostier / Diretor de fotografia: Paulo Camacho / Figurinos: Siegrid Petit-Imbert, Géraldine Ingremeau / Sistema de vídeo: Julio Parente / Assistente de direção e tradutor: Marcus Borja / Colaborador artístico: Henrique Mariano / Construção do cenário: Atelier de construction de l’Odéon-Théâtre de l’Europe e equipe de l’Odéon-Théâtre de l’Europe / Produção: Odéon-Théâtre de l’Europe (Paris, França)/ Co-produção :Théâtre National Wallonie-Bruxelles (Bruxelas, Bélgica), Teatro São Luiz (Lisboa, Portugal), Onassis Cultural Centre (Atenas, Grécia), Comédie de Genève (Genebra, Suíça) / Duração: 120min Classificação: 16 anos

**Cia Municipal de dança (RS/BR)**

"Brazil Beijo", da coreógrafa israelense Orly Portal e “Parco” da Cia Jovem de Dança de Porto Alegre, com coreografia de Driko Oliveira são os espetáculos que a Cia Municipal de dança de Porto Alegre apresentará na grade do Porto Alegre em Cena, em sua 29ª edição. Um projeto realizado em conjunto pelas Secretarias de Cultura e Economia Criativa e da Educação da Prefeitura de Porto Alegre que mantém um elenco profissional de bailarinos e bailarinas selecionados através de Edital Público, a Cia já realizou 15 montagens, reunindo um público de cerca de 40 mil espectadores, no Brasil, Alemanha e Israel. Atua de forma integrada com as Escolas Preparatórias de Dança, que funcionam em cinco escolas municipais da periferia de Porto Alegre com formação em dança para crianças e adolescentes, entre 7 a 17 anos no turno inverso da escola. Também é mantida pela Cia Municipal, a Cia Jovem de Dança que reúne 20 alunos(as) que se destacam nas Escolas Preparatórias de Dança, que atuam junto com bailarinos profissionais fomentando a qualificação e aprimoramento técnico e artístico desses jovens.

Cia Municipal de Dança de Porto Alegre / Direção geral: Airton Tomazzoni / Direção executiva e comunicação: Ilza do Canto / Ensaiadora: Bianca Weber / Técnico de luz: Maurício Rosa / Técnico de som: Marcos Vaz / Cia Jovem de Dança / Direção artística: Fernanda Santos / Coreógrafo: Adriano Oliveira

“Brazil Beijo” – Cia Municipal de Dança de Porto Alegre / Coreografia/ Trilha sonora: Orly Portal /Figurinos: Valentina Stets e Orly Portal / Elenco: Adriano Oliveira (Driko Oliveira), Andressa Pereira, Mauricio Miranda, Pamela Agostini e Paula Finn / Duração: 50min / Classificação: livre

“Parco” – Cia Jovem de Dança / Direção: Driko Oliveira e Fernanda Santos / Coreografia e Trilha sonora: Driko Oliveira / Elenco: Anderson Alex Mendes, Carlos Eduardo Oliveira Czerner, Gustavo da Conceição, Hellen Gonchoroski, Iago Poersch, Jean Ferreira, Jéssica Paim, Maria Rita Schardosim Vianna, Mariane Lisboa Farias, Natasha Vieira Mello, Paola Baldissera, Raissa Lisboa Farias, Raynner Victor Tatiele Alves Cardoso / Duração: 40 min / Classificação: livre

**Recital de violoncelo e piano com Romain Garioud e Liliana Michelsen (FR/BR)**

Romain Garioud é um dos grandes nomes de sua geração. O violoncelista recebeu inúmeros prêmios em todo o planeta. Conhecido por sua extraordinária sonoridade e senso de fraseado, o músico teve o privilégio de trabalhar com violoncelistas de renome internacional como Philippe Muller, Anner Bylsma, Natalia Chakovskaia e Steven Isserlis. Em sua carreira figuram apresentações como o Concerto para Violoncelo de Lutoslawsly para o Festival Yuri Bashmet em Minsk, com a Orquestra Sinfonica da Radio e Televisao Bielorrussa, em 2013. É membro fundador do Trio Dorogi desde 2014, com a violinista Dora Schwarzberg e o pianista Giuliano Mazzoccante e do Vesna Ensemble desde 2016, com a violinista Natalia Prishepenko. Garioud toca num violoncelo de Nicolai Gagliano de 1760, generosamente cedido por Gabriele & Michael Andreae-Jackering.

A pianista Liliana Michelsen desenvolveu intensa atividade de duos com diversos cantores em seu período na Alemanha, entre 2007 e 2017, quando voltou a residir no Brasil. Desde então ministrou masterclasses de Liedgestaltung na Unirio, Unila, entre outros, realizou uma série de concertos em diferentes cidades do pais com uma de suas parceiras de duo da Alemanha, o soprano Isabel Blechschmidt, e vem participando de concertos desde com orquestra a duos com instrumentos diversos. Participou do IX e X Festival Sesc de Música de Pelotas como pianista e camerista. Atualmente é doutoranda em Práticas Interpretativas sob a orientação da Profa. Cristina Capparelli Gerling e integra o Trio Aura junto a violinista Brigitta Calloni e a violoncelista Martina Stroher.

Programa do concerto: A. Barbosa - Candombera para cello solo ; G. Faure – Elegie e Sicilienne para cello e piano; R. Schumann – 3 Fanstasiestuecke para cello e piano; J. Brahms – Sonata No 2 para cello e piano; Villa-Lobos – O Canto do Cisne Negro / Romain Garioud: violoncelo / Liliane Michelsen: piano / Duração: 60min / Classificação: livre